

GÊNERO E LITERATURA: UMA LEITURA DE NOSSA SENHORA DA SOLIDÃO

Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS)

Os estudos culturais de gênero e a história da vida cotidiana possibilitaram, além de outros aspectos, o desvelamento da ambigüidade no tratamento outorgado ao sexo feminino. Essa ambigüidade pode ser observada desde os textos medievais, o que é possível comprovar, por exemplo, pelas cantigas trovadorescas, tornando-se mais intensa com o passar do tempo. Elevada ao ápice da idealização ou degradada ao mais baixo nível, a mulher teve que conviver com essa ambigüidade relacionada à identidade. Esse discurso “que ‘naturalizou’ o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura.” (TELLES, 2004, p. 403). Sabe-se que tentativas para reverter essa situação ocorreram desde o século XV, quando iniciam seus tímidos ensaios no sentido de fazer uso da palavra. No século XVIII, numerosas mulheres, tanto na América quanto na Europa, começam a escrever e publicar. A lenta e paulatina apropriação do discurso, mais precisamente da linguagem escrita, foi o elemento mais significativo que propiciou o desenvolvimento da identidade feminina, uma vez que a constituição histórica da subjetividade está ligada à narratividade em geral e, especialmente, à literatura. Assim:

O livro, a ficção atinge uma importância enorme, pois, através dele, a oralidade transformada em escritura sólida, bem alicerçada em conceitos diversos e técnicas narrativas inovadoras, assume proporções gigantescas, a palavra pode chegar a inexplorados recantos e promover mudanças significativas. (NAVARRO, 1995, p. 12).

Preocupada com as questões do feminino, Marcela Serrano, escritora chilena contemporânea, produz uma literatura que coloca em evidência a personagem feminina. Em suas obras constata-se o cuidado em dar voz à mulher e também em fazer uma revisão da História da América Latina da atualidade. Dentro dessa perspectiva, este estudo pretende examinar o papel da mulher como leitora e produtora de literatura, inscrito na obra *Nossa Senhora da Solidão*, de acordo com uma perspectiva gendrada e histórica.

A partir do momento em que a mulher adquiriu alguma visibilidade e conseguiu ser ouvida, as relações entre homens e mulheres transformaram-se como também se modificaram os papéis sociais, diluindo-se as fronteiras que separavam os seres humanos em duas categorias: superiores e inferiores, ou seja, homens e mulheres. Com a apropriação do discurso, discutiu-se a formação da identidade feminina e configurou-se um novo universo de representações. Dentro desse universo, é relevante mencionar o papel da literatura e a possibilidade emancipatória propiciada pelo uso da palavra. Essa nova perspectiva possibilitou a revisão de muitos conceitos, entre eles a questão histórica.

O gênero, muito mais que um dado biológico, é um construto historicamente codificado que orienta o desempenho dos papéis sociais. Assim, numa sociedade patriarcal, cabe ao homem a realização das tarefas “importantes”, seu território é o exterior, é o mundo. Como o universo feminino é o interior, a casa, é seu dever administrar o lar e cooperar para o sucesso do homem, providenciando a infra-estrutura necessária, ocupando-se com as pequenas ninharias que constroem o cotidiano, a fim de

que o companheiro tenha o suporte adequado para que possa cumprir sua missão. Assim, nessa modalidade de sociedade, somente é considerado o papel do homem na construção da História, por isso, a narrativa histórica apresenta um caráter androcêntrico, refletindo somente o ponto de vista masculino.

No entanto, a nova história passou a valorizar a experiência feminina e afirmar a “cultura das mulheres” (SCOTT, 1992, p. 83), resultando num aumento de consciência e, conseqüentemente, na possibilidade de emancipação. A história das mulheres evidenciou a existência de uma categoria específica com necessidades e interesses próprios. Constituindo-se como sujeitos e construindo sua visibilidade histórica, escritoras latino-americanas contemporâneas estão, em suas narrativas ficcionais, promovendo uma revisão da História, não apenas inserindo a atuação da mulher na História já escrita, mas reescrevendo os acontecimentos de acordo com a ótica feminina. É o caso de Gioconda Belli em que na obra *A mulher habitada* discute os acontecimentos que antecederam a derrubada de Somoza na Nicarágua, Isabel Allende, que, em *A casa dos espíritos*, através da saga dos Trueba, aborda mais de meio século de história do Chile ou Elsa Osório que dissecou a ditadura argentina em *Há vinte anos, Luz*. Em *Nossa Senhora da Solidão*, de Marcela Serrano, cuja ação transita entre dois países – Chile e México –, a História aparece como um pano de fundo, como algo que marcou as personagens chilenas que viveram exiladas no México, ou como um ponto de referência.

A temática abordada por Marcela Serrano, defendendo, em suas obras, a necessidade de que a voz feminina seja ouvida, não só privilegia a força das mulheres, como também destaca a profunda solidariedade que existe entre elas. Autora premiada e exercendo relevante atividade artística, iniciou sua trajetória literária em 1991, com a publicação de *Nosotras que nos queremos tanto*, obra que lhe valeu os seguintes destaques: Premio Sor Juana Inés de la Cruz e o prêmio da Feria del Libro de Guadalajara (México), como o melhor romance hispano-americano escrito por mulher. Além dessa, outras obras de Marcela Serrano também foram premiadas ou indicadas para prêmios. *Nossa Senhora da Solidão* foi publicada em 1999, na cidade do México, e *Hasta siempre, Mujercitas*, em Barcelona, no ano de 2004.

*Nossa Senhora da Solidão*¹ é uma obra que tematiza a solidão e o abandono, elementos característicos da condição feminina, valorizando a leitura do texto literário bem como a sua escritura, na medida em que constituem uma possibilidade de libertação. O romance pertence ao gênero policial, no entanto, o tratamento dado tanto à narradora quanto ao enigma a ser solucionado transcende os limites do gênero. Narrado em primeira pessoa pela protagonista, a investigadora encarregada do caso Rosa Alvallay, 54 anos, divorciada e mãe de dois filhos, o romance apresenta a problemática feminina através da discussão da questão de gênero e também da modalidade de leitura realizada pela mulher.

Inicialmente, evidencia-se a questão genérica colocada por Rosa: por que, entre tantos investigadores homens, ela, Rosa, fora escolhida? A resposta é óbvia: porque uma mulher tem melhores condições de conduzir uma investigação em que o objeto da busca é outra mulher, muito embora a experiência feminina sempre tenha sido desvalorizada, já que foi excluída do discurso do conhecimento. Assim, aparece como outro requisito da escolha – talvez o mais importante na visão de seu Chefe – o fato de Rosa ter residido no México, quando esteve exilada. C. L. Ávila é a personagem desaparecida, escritora de romances *noir*, renomada internacionalmente, casada com o reitor da Universidade e que havia passado alguns anos de sua vida no México. Depois

de ter participado da Feira do Livro, juntamente com grande número de escritores, desapareceu, sem deixar vestígios, do aeroporto internacional de Miami, provocando grande comoção nos meios sociais e literários e propiciando o levantamento de inúmeras hipóteses: alguns acham que foi seqüestrada pelos guerrilheiros, outros afirmam que está morta e outros mais dizem que ela simplesmente fugiu. No intuito de resolver o problema, Rosa relê os cinco romances escritos por C. L. Ávila e conversa com as pessoas próximas, a fim de traçar o perfil da escritora, para, estabelecendo os motivos do desaparecimento, descobrir o que efetivamente ocorrera. A leitura das obras é um dos fatores que, na opinião de Rosa, marca a diferença genérica: os colegas homens jamais se preocupariam com esse pormenor, uma vez que a preocupação com o detalhe pertence ao universo feminino.

Outro aspecto relevante, relacionado ao gênero, é o posicionamento que a heroína da escritora desaparecida defende:

Pamela Hawthorne sustentava – sem dizer de maneira explícita – que as mulheres eram mais argutas no campo da investigação criminal que os homens. Não que ela fosse dessas feministas que acham que as mulheres fazem tudo melhor, nada disso. Aludia simplesmente a certa *percepção não objetiva* que nós mulheres, temos em relação a qualquer verdade. Intuo ao que ela se refere. (p. 52).

O fato de a investigadora ser mulher, tendo conseqüentemente essa “percepção não objetiva” e poder colocar-se no lugar da escritora desaparecida, possibilita a abertura de um maior número de alternativas do que se ela fosse homem, o que valoriza a experiência feminina.

A questão genérica está apresentada na obra de maneira paradoxal: ao lado da representação de um sujeito feminino forte, autônomo e emancipado, constata-se a desvalorização do comportamento feminino, como, por exemplo, na crítica às atitudes políticas de Carmen que, de acordo com o marido, não tinha consistência teórica. Rosa também se coloca em posição inferior: exilou-se para acompanhar o marido, ele era o dirigente. A constatação do desconforto do amigo Tonatiuh, ao saber que a informação sobre o possível seqüestro de Carmen é para Rosa: “Não por falta de afeição pela minha pessoa, mas o fato é que [ele] é totalmente mexicano, e as coisas importantes se falam entre homens, *hermano*.” (p. 95). Rosa, embora sendo independente e bem sucedida no seu trabalho, percebe as dificuldades por que passa uma mulher que tenta trilhar seu próprio caminho: “Aqueles que procuram sua autodeterminação quase sempre pagam caro por isto: a palavra *liberdade* aplicada a uma mulher geralmente é mentira.” (p. 93). A heroína da escritora, Pamela Hawthorne, adora hotéis: “... só ali se iguala aos homens.” (p. 93). Essas atitudes trazem pressuposta a inferioridade feminina.

A leitura realizada pela narradora aparece como o elemento-chave para o deciframento do enigma. Para Telles (2004, p. 402):

a leitura é sempre determinada pelo lugar ocupado por um leitor na sociedade, num dado momento histórico [...] Sendo assim, cada romance é o local da interseção de toda uma teia de códigos culturais, convenções, citações, gestos e relações.

Culler (1997, p. 56), ao abordar a leitura realizada por uma mulher, afirma que a experiência feminina “é uma fonte de autoridade para suas respostas como leitora”. Jacobus (1986, p. 4) chama a atenção para o fato de que aquilo que faz uma mulher ler como mulher é um sistema de significação que produz simultaneamente diferença de sentido e de gênero, ou seja, a mulher não apenas realiza uma leitura gendrada, mas, através do gênero, constitui-se como leitora. Valoriza-se, assim, a experiência de leitura como a possibilidade de instaurar uma hermenêutica do texto que possa desconstruir procedimentos estereotipados e promover uma nova modalidade de leitura, questionando a ideologia inscrita no texto. A sensibilidade em relação à experiência feminina está presente em dois aspectos: primeiramente, na decisão da narradora de adquirir por conta própria os romances, uma vez que está ciente de que o Chefe não autorizaria essa aquisição, pois, na sua maneira masculina de encarar os fatos, isso é irrelevante; como também na modalidade de leitura realizada, visto que o deciframento do enigma está diretamente relacionado não só à competência de leitura do texto literário, mas ao viés com que se efetiva.

Ainda sobre esse aspecto, um tópico muito significativo são as dedicatórias, além de algumas epígrafes, que se constituem em indícios valiosos sobre o estado de espírito da escritora e a possível evolução de sua vida naqueles doze anos. O primeiro romance apresenta a seguinte dedicatória: “*Ao meu amor, meu tolo, meu menino*” (p. 26). Essa dedicatória desperta na investigadora a imagem do guerrilheiro mexicano que havia sido amante de Carmen, parecendo ser a resposta mais simples e direta. No entanto, quando Rosa deslinda, efetivamente, o destinatário dessa dedicatória, praticamente, soluciona o caso. O livro seguinte é tributado ao filho Vicente e à Aunt Jane, a tia que cuidara dela quando os pais a abandonaram; os dois próximos referem-se ao marido Tomás. Uma das dedicatórias diz: “*Para Tomás: por fim!*” (p. 26). Essa dedicatória é explicada pelo escritor Martín Robledo Sánchez nos seguintes termos: “*Por fim!* Por fim a normalidade, por fim a estabilidade, por fim um pai para seu filho. Por fim deixar para trás tudo o que ela tinha sido! É uma dedicatória evidente”. (p. 31). Antes de casar com Tomás Rojas, Carmen levava uma vida sem paradeiro fixo, ligada à boemia, dançando e cantando em bares. Vicente, seu único filho, foi criado por Aunt Jane, a mesma tia que cuidara dela quando os pais foram para a Índia. O quinto romance é dedicado a sua grande amiga Jill, tendo como título *Um mundo estranho*. A leitura desse volume mostra como a literatura pode ter um caráter prospectivo, na medida em que se constata a possibilidade de, através dela, o autor antecipar um evento ainda não ocorrido e que poderá constituir-se em revelação, não apenas para o leitor, mas para o escritor também. De acordo com essa premissa, o escritor, dotado dessa sensibilidade, poderá ter uma percepção do que está por vir. Essa é uma constatação realizada por C. L. Ávila e relatada pelo escritor Martín Sánchez à narradora: “... Carmen ligou excitada para ele e disse: acabei de descobrir um fato assombroso, todos pensam que os autores recriam nos romances as lembranças, os fatos que já aconteceram... mas acabei de descobrir que o que nós fazemos é antecipá-los.” (p. 38).

A leitura dos romances provoca uma série de reflexões em Rosa: ela se identifica com a heroína de C. L. Ávila, a detetive Pamela Hawthorne. Ambas são formadas em Direito e realizam um trabalho muito semelhante, descontados os efeitos glamourosos da ficção. No entanto, a opção de Rosa deveu-se, como ela afirma, a “uma cadeia de fracassos consecutivos” (p. 27) e à sua militância nas organizações de Direitos Humanos, após o retorno ao Chile, no início da democratização do país.

Rosa constrói o perfil de C. L. Ávila, através das obras, da palavra do marido, Tomás Rojas, de Ana Maria, a filha do reitor, da empregada Giorgina, do escritor Martín Sanches, da amiga Jill, além da entrevista concedida pela escritora a uma revista literária em Madri. A conversa com o marido limita-se à reiteração dos fatos conhecidos, apenas acrescenta sua suposição sobre o paradeiro da esposa, que, para ele, está viva e foi seqüestrada pelos guerrilheiros. A entrevista com a empregada é mais esclarecedora, uma vez que traça um perfil da vida familiar e da própria Carmen, apontando, como seu grande problema, o fato “que ela estava em outro mundo, sempre. E dava para notar que tinha dificuldades, parece que lhe doía ter que assumir as coisas...” (p. 24).

A presença da literatura é marcante. Carmen é apresentada como uma grande leitora, fato esse que é enfatizado nas suas entrevistas e comprovado pelas dimensões de sua biblioteca. A idéia de que a autora somente se interessava pelo mundo imaginário é reiterada por Martín Robledo Sánchez, escritor favorito da narradora e amigo de Carmen. Além disso, o autor salienta sua instabilidade: “Diz que sua bisavó era cigana e que daí vêm seus desajustes.” (p. 33), e sua necessidade de liberdade: “Nunca conheci ninguém que sofresse tanto por se sentir prisioneira da formalidade existente; ela deveria ter sido uma habitante da selva... ou dos bosques... nunca de uma cidade rígida e pouco original como Santiago.” (p. 34). Não tem opinião sobre o que ocorreu com Carmen, a suposição mais coerente seria o suicídio, porém faltaria o motivo. O detalhe que acrescenta é que Carmen odiava sua personagem Pamela Hawthorne, porém não conseguia livrar-se dela. Esse poderia constituir um motivo para o desaparecimento.

A filha do reitor, Ana María Rojas, detesta a madrastra, considerando Carmen uma pessoa fria, egoísta que “estava cansada de ter que se inventar todos os dias.” (p. 60), esposa absolutamente inadequada para um homem público. Na sua opinião, a escritora fugiu. Justifica sua teoria, afirmando que a vida de Carmen “era um tédio infinito e ela possuía recursos e imaginação para inventar uma nova. Afinal, era romancista, ou não?” (p. 65).

Jill, a amiga norte-americana, é quem contribui com maiores informações para delinear o perfil de C. L. Ávila. Jill é uma remanescente da cultura hippie, morou com Carmen no México, no início dos anos setenta, época em que ambas sobreviviam da venda de artesanato. O dinheiro que Carmen recebeu como adiantamento da publicação de seu primeiro romance financiou uma viagem das duas amigas à Índia. Jill também refere o sofrimento e desamparo da amiga: “Carmen conviveu com o sofrimento durante quase toda a sua existência, um desgosto incerto. Só conseguiu escrever quando mergulhou nele.” (p. 43). O problema do desamparo é acentuado por Jill: “foi a criatura mais abandonada que já conheci.” (p. 43). Na opinião de Jill, Carmen está morta.

A questão do desamparo da escritora perpassa a obra. Além da amiga Jill, esse sentimento está explícito na entrevista que concede em Madri, quando faz revelações importantes sobre seu passado, o abandono dos pais que resolveram deixá-la a cargo de sua tia norte-americana, para dedicarem-se ao misticismo na Índia; o fracasso de seu primeiro amor: “O problema com os mexicanos é que nunca deixam de estar casados...” (p. 87). Essa afirmação invalida a suposição de seu envolvimento com o guerrilheiro Luis Benítez. A mesma temática é desenvolvida no romance *A loba*, do escritor mexicano Santiago Blanco: “A ação se baseia nos complicados mecanismos da mulher para disfarçar e combater esse desamparo em seu interior, diante do olhar impotente do homem que a ama.” (p. 112). O marido também percebe essa faceta: “...era tão

abandonada por Deus e todo o mundo... não tinha a menor auto-estima. Coitadinha, aprendeu na vida a se defender mais do que a se gostar.” (p. 76).

Além de revelações significativas sobre o passado, a entrevista também fornece indícios sobre a escritora e seus conflitos no presente. Desde sua viagem à Índia, Carmen afirmava que deveria procurar o paraíso. Na entrevista, revela que sua inquietação é: “Descobrir que não há paraíso possível, que não existe um lugar onde se possa evitar a queda.” (p. 89). Utiliza a semelhança entre Índia e México para identificar suas próprias contradições: “A ambigüidade entre a ruptura e a salvação... É o que eu também estou vivendo.” (p.89).

Um incidente, parte de suas lembranças do Nepal, relatado na entrevista, pode ser considerado como símbolo do abandono e do desamparo comum à condição feminina: é a história de Kumari, uma menina que vive num palácio como uma deusa:

Ela estava agitando as mãos e me fixei nos seus olhos: era uma deusa, mas também uma prisioneira. Foi escolhida ainda pequena, tirada do lar, e a partir desse momento toda a sua existência se transforma, é criada e educada para ser imortal e adorada não como pessoa humana, mas como deusa. [...] E continua sendo deusa até a puberdade, até a primeira menstruação. Aí acaba o reinado, porque seu corpo expeliu sangue. A crueldade da menstruação a reintegra aos mortais – entre os quais, a essa altura, ela não tem mais lugar.” (p. 84-85)

Dois são os fatores que possibilitam a Rosa elucidar o caso: a leitura e o fato de ser mulher. Indícios preciosos são recolhidos na leitura atenta da entrevista de Carmen, do romance de Santiago Blanco, *A loba*, e do último romance de Carmen, *Um mundo estranho*. O gênero auxilia na medida em que possibilita que a investigadora possa, além de colocar-se no lugar da escritora desaparecida, já que ambas estão submetidas às mesmas contingências, muito embora sejam diametralmente diferentes, exercitar a leitura a partir de sua experiência como mulher.

No romance de Carmen, ambientado na Tailândia, é referida a história verídica do inglês Jim Thompson, cujo nome é ligado à revitalização da indústria da seda nesse país. Thompson desapareceu sem deixar vestígios, durante um feriado na Malásia, em que acompanhara alguns amigos. Para a incredulidade de Pamela Hawthorne, ninguém mais teve informações sobre o inglês. Esse fato apresenta a possibilidade concreta de alguém desaparecer sem deixar rastros.

O romance *A loba*, de Santiago Blanco, reconstrói a trajetória de Carmen Lewis Ávila. Em um dos trechos destacados, são narradas as reflexões da mulher, que levanta de madrugada para ir ao aeroporto, perpassadas pelos sentimentos de desamparo e abandono: “Que desfaçatez a dela! Imaginar-se por um instante a única habitante, invisível, rápida, indômita, a única naquele espaço. Única porém naufraga, apesar de si mesma.” (p. 37), e as do marido, já acostumado com as viagens costumeiras da esposa:

Ele tinha pensado, quando as primeiras viagens aconteceram, que cada partida devia ser significativa, que uma constelação de dúvidas e acasos devia necessariamente envolvê-las. [...] e decidiu somar as viagens da esposa a centenas de fatos sem transcendência que ocorriam em suas vidas diárias cheias de ebulição. (p. 38).

No entanto, o que desperta a atenção de Rosa é a descrição da bailarina nas primeiras páginas do livro de Santiago Blanco: “Uma doida. Era uma doida. A mulher de vestido vermelho dançando em cima daquela mesa era uma doida, foi o que lhe disseram.” (p.109). Palavras idênticas utilizou Ana María ao relatar como seu pai conheceu Carmen: “Quando papai a conheceu, sabe o que disseram? Que ela era uma louca! Uma louca, disseram ao apresentá-la, foi o que ele me contou depois.” (p. 61). Outro aspecto bem marcante, na obra de Blanco, é a imagem das pernas vestidas com a malha furada de bailarina. Um telefonema ao reitor confirma a suposição de Rosa, a mulher que dançava sobre a mesa com vestido vermelho e malha de bailarina com furinhos triangulares era efetivamente Carmen. O escritor havia se apropriado da cena no bar e tornado a escritora personagem de seu livro. Interrogado sobre esse aspecto, Santiago Blanco declara “Sim, reconheço que por trás da personagem existiu uma pessoa de carne e osso, o que não é inusual neste ofício [...] mas só uma mulher poderia fazer esta pergunta...” (p. 128). O capítulo encerra com a fantasia da falsa bailarina: “Ter uma casa em algum lugar do mundo. Pintada de azul.” (p. 110). A epígrafe da mesma obra também remete a Carmen e sugere a Rosa que Vicente não é filho do guerrilheiro nem do americano morto antes de a criança nascer, como é a versão da autora, mas é filho de Santiago: “Eu tenho um filho fruto do amor, amor sem lei. (...) O filho e depois eu, e depois... o que vier.” (p. 162).

A ida de Rosa ao México oportuniza a discussão sobre a questão histórica. A investigação é direcionada a Luis Benítez, o Capitão Monti, que se supõe, foi um antigo relacionamento de Carmen. A hipótese do reitor é que Carmen foi seqüestrada pelos zapatistas. Essa possibilidade é rebatida pelo Chefe de Rosa, para quem os zapatistas não costumam seqüestrar pessoas. Segundo ele, “O movimento de Chiapas é uma ação mais simbólica que real, é uma guerrilha midiática, informática, e duvido que ele [o reitor] veja a coisa assim.” (p. 55). Além disso, esses guerrilheiros agem na Colômbia, com as FARC, e no México, onde controlam poucos lugares, mas não operam nos Estados Unidos, o que inviabiliza a hipótese do reitor.

O México foi o país que recebeu grande número de exilados por ocasião do golpe que derrubou Salvador Allende. Com o plebiscito de 1988, que alijou Pinochet do poder, muitos retornaram ao Chile. O México também foi o país do exílio de Rosa e de seu ex-marido: “Fui mais uma das muitas chilenas que apoiou o sonho de um socialismo diferente em meu país, e se engrossei as fileiras de exilados não foi por minhas ações terem sido importantes, mas porque as do meu marido eram: o dirigente era ele.” (p. 92). Devido às relações que ainda mantêm com pessoas da guerrilha mexicana, conseguem a informação de que Carmen não foi seqüestrada.

Os fatos históricos pontuam ocorrências na narrativa. O retorno de Rosa para o Chile ocorre “pouco antes de começar a transição para a democracia.” (p. 27). O plebiscito de 1988 marca o início do relacionamento entre Carmen e o reitor. Ela não votou no plebiscito, pois, embora fosse contra a ditadura e a favor “dos pobres, dos marginalizados” (p. 76), não acreditava que ocorreria alguma mudança. Um dos romances da escritora é sobre o Chile: “... o país lhe interessava intensamente. Pela busca das raízes, é óbvio, mas também pelo processo político e social.” (p. 77). Após essa fase de interesse, desiludiu-se: “Sentia que a esquerda tinha dado a normalidade a este país em troca de nada. Isso a afetava de maneira quase pessoal, a questão da justiça e da memória – ou da falta delas.” (p.77).

Está presente a solidariedade feminina, nesta narrativa, nas atitudes de Jill e de Rosa em relação a Carmen. No entanto, a filha do reitor, Ana María, expressa seu

desagrado em relação à madrastra: “...Carmen era uma inútil. É verdade, absolutamente inútil e medrosa para as coisas práticas [...] não sabia dirigir um carro, dá para acreditar que, no final do século vinte uma mulher não saiba dirigir?” (p. 65). Rosa refere-se à Ana Maria como uma mulher gorda e ressentida, e o ressentimento a converte em uma informante muito útil.

A solidariedade de Jill se manifesta na tentativa de proteger a amiga, sonhando informações. Nesse sentido, não conta a Rosa sobre o acidente de avião na Guatemala do qual escaparam por ter cedido suas passagens para um casal que precisava viajar para assistir o filho que se acidentara. Também não menciona que o proprietário da casa onde alugavam cômodos, em Coyoacán, cidade do México, era o escritor Santiago Blanco, autor do romance que retrata Carmen.

A solidariedade feminina de Rosa manifesta-se, primeiramente, quando o escritor Santiago Blanco, presumidamente apaixonado por Carmen, encontra-se com uma mulher em Oaxaca, depois de dizer que ia a Puerto Escondido: “... apalpo minha solidariedade feminina um tanto ressentida: há apenas dois meses morreu – segundo as palavras do escritor – um grande amor, e seu luto encontrou refúgio tão cedo.” (p. 135); posteriormente e, de maneira mais profunda, na atitude de Rosa, quando deslinda o caso. Ao descobrir o paradeiro de Carmen e os verdadeiros motivos de seu desaparecimento, resolve respeitar a opção da autora, não revelando o seu segredo, contrariando o que significaria para ela, Rosa, um grande triunfo profissional, provavelmente, sua maior realização como detetive, considerando todo o envolvimento e a repercussão do caso, já que se tratava de uma escritora renomada internacionalmente.

Entendo que devo fazer meu relatório, que o prestígio que eu ganharia resolvendo este caso é alto, que a verdade nesta minha profissão é o bem intangível mais apreciado. Mas eu não gostaria que outra mulher me delatasse se algum dia a esperança chegasse a se aventurar em mim. (p. 171).

A autora, não suportando mais a vida que levava, aguardou o casamento do filho para, aproveitando a primeira oportunidade, desaparecer, realizando seu sonho de encontrar o paraíso, exatamente no México, país definido por Rigoberta Menchú² “como um santuário para os que não encontraram espaço.” (p. 168). A indicação para a investigadora procurar C. L. Ávila no México e não em outro lugar também foi fornecida pela obra *Vislumbres da Índia*, de Octavio Paz, citada pela escritora em sua entrevista tão elucidativa. Além disso, por sua relevância no cenário latino-americano e por conservar a essência da história, mantendo as ressonâncias do silêncio e da paz interior, era o México o país “que podia acolhê-la e permitir que ela vivesse a ambigüidade entre a ruptura e a salvação.” (p. 169). Vive no México como uma colombiana, chamada Lucía Reyes, em uma casa, no meio de um jardim, pintada de azul.

Nossa Senhora da Solidão, senhora dos aflitos, é a padroeira de Oaxaca, México. É no México que C. L. Ávila encontra seu verdadeiro caminho, e Rosa descobre que, mais importante do que o triunfo profissional, é a verdadeira solidariedade entre os seres humanos, especialmente, entre as mulheres, ainda mais quando elas se sentem desamparadas e oprimidas por uma estrutura social preocupada apenas com as aparências. Uma obra que tematiza o desamparo feminino encontra, na homenagem à

Virgem, a referência mais adequada. Pois ela “... já testemunhou a concentração dos eternos mistérios das mulheres, de sua carne e sangue, de seus anseios e desamparos.” (p. 154).

Anseios e desamparos também são vivenciados por Rosa, a investigadora, que insere a sua história na narrativa sobre o desaparecimento de Carmen:

Sou Rosa Alvallay, tenho cinquenta e quatro anos, nasci na região central do Chile no meio daquele ignoto setor médio da cidade de San Fernando, fui criada num lar em que ninguém aspirou desesperadamente a nada, não possuo nada de extraordinário, vivo a hora minguada de minha vitalidade – como diz o espanhol antigo em relação às horas que estão prestes a acabar – e minhas tristezas transpiram sob um olhar que tornei compassivo. Nunca me cerquei de *glamour* em nenhuma de suas formas. Já é tarde para que um homem fale do meu corpo *como o espaço do mel, doce e quente*, ou que sussurre *minha alma, meu anjo* como fez Santiago Blanco em seu romance, descrevendo C. L. Ávila. Não sou escritora. Não desapareci. E ninguém jamais vai me fazer uma dedicatória num livro como ele fez com o exemplar de *A loba* que vi esta manhã na casa azul: *Para Lucía, meu pedaço de terra que por fim juntou suas duas margens*. Sempre tive e terei uma única margem.

Essa reflexão sobre a própria existência somente se torna possível quando Rosa decifra o enigma do desaparecimento da escritora e consegue, através da comparação de sua vida com a de Carmen, perceber, numa perspectiva adequada, o seu papel no mundo. Na realidade, a detetive não resolveu seus problemas simplesmente desaparecendo e inventando uma nova vida, mas enfrentou-os a partir de sua “única margem”, valorizando a condição da mulher que se desdobra para criar os filhos sozinha e exercer uma profissão que, além de lhe proporcionar o suporte financeiro indispensável para a sobrevivência, lhe possibilita encarar a vida com dignidade.

Em *Nossa Senhora da Solidão*, imbricam-se leitura e escritura. A leitura é a atividade que forneceu os indícios mais significativos para a localização da escritora. Mas essa ocorrência implica o exercício dessa atividade de maneira gendrada, ou seja, levando em consideração uma modalidade específica de realização: foi a experiência feminina aplicada à leitura que se constituiu no indicador fundamental para a resolução do enigma.

O papel do escritor é destacado, na medida em que é visto como algo intrínseco a determinados seres humanos. Embora escrever possa não ser considerado trabalho, como afirma Giorgina, a empregada do reitor, ou seja uma atividade pouco valorizada, no modo de ver do reitor, a opinião do escritor Martín Robledo Sánchez ilumina a questão de forma diversa: “Pode-se deixar um dia de ser reitor, você sabe, mas não de ser escritor.” (p. 33). Essa tese é reiterada quando Rosa revista a casa de Lucía Reyes/C. L. Ávila no México e observa, ao lado do computador, uma folha com a inscrição: “*Capítulo Quatro* na parte superior da página...” (p. 156), além disso, percebe, nas folhas impressas próximas do computador, a presença da linguagem da narrativa ficcional que é inconfundível. Conclui: “Talvez o romance *noir* tenha morrido, Pamela Hawthorne tenha morrido, C. L. Ávila tenha morrido, mas não a ânsia de inventar histórias e de contá-las.” (p. 156). E finaliza: “O privilégio do escritor é que seu ofício

prossegue com absoluta prescindência do mundo externo e dos semelhantes, característica que poucas atividades podem proclamar nesta Terra.” (p. 156).

¹ SERRANO, Marcela. *Nossa Senhora da Solidão*. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro: Record, 2003. Todas as citações dessa obra fazem parte da mesma edição, sendo, por esse motivo, referidas apenas pelo número da página.

² Rigoberta Menchú é uma indígena maia, nascida na Guatemala. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1992, por sua luta pelos direitos humanos especialmente dos Povos Indígenas.

REFERÊNCIAS:

CULLER, J. *Sobre a desconstrução*: teoria e crítica do pós-estruturalismo. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

JACOBUS, M. *Reading woman*: essays in feminist criticism. London: Methuen, 1986.

NAVARRO, M. H. Por uma voz autônoma: o papel da mulher na história e na ficção latino-americana contemporânea. In: _____. (org.) *Rompendo o silêncio*: gênero e literatura na América Latina. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

SCOTT, J. História das mulheres. In: BURKE, P. (org.). *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992.

SERRANO, M. *Nossa Senhora da Solidão*. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro: Record, 2003.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, M. D. (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.